

Citricultura paulista

Relações de troca

Antonio Ambrósio Amaro¹Denise Viani Caser²Priscilla Rocha Silva Fagundes³

O dinamismo observado no setor citrícola brasileiro, maior produtor mundial de laranja e suco concentrado, pode ser atribuído em grande parte à interação entre geração, difusão e adoção de novos conhecimentos. Todavia não se deve confundir expansão da área plantada com desenvolvimento.

Entre as variáveis explicativas da adoção de tecnologia na agricultura, destacam-se as vantagens técnicas e econômicas trazidas pela inovação, as restrições econômicas de seu financiamento e a disponibilidade de insumos e recursos humanos. A aversão a riscos também explica adoção mais lenta de inovações, principalmente por pequenos produtores.

Dentre os fatores estruturais que afetam a adoção de novas tecnologias devem

ser considerados o nível educacional do produtor, a experiência com a atividade citrícola, a utilização de assistência técnica e a participação associativista. Estas variáveis também influenciam o uso de fatores de produção e, conseqüentemente, os preços destes insumos.

A relação de troca entre preço recebido na venda dos produtos e o preço pago para aquisição de insumos, máquinas e implementos agrícola também é variável relevante na tomada de decisões do citricultor. Entendem-se como relações de troca a quantidade de certo produto necessária para a aquisição de uma unidade de insumo/serviço.

Para exame destas relações de troca foram construídas séries representativas para o setor entre 2000 e 2008, com base

nos dados médios divulgados pelo Instituto de Economia Agrícola – IEA e pelo Agrianual FNP (no caso de mudas).

I Fertilizantes

De 2000 a 2008, eram necessárias em média 104 caixas (40,8 kg) de laranja para adquirir uma tonelada de adubo (NPK-12-6-12). Nesse período, a melhor situação para o produtor ocorreu em 2002, enquanto que as piores foram em 2000 e 2004. Neste último ano, enquanto houve uma queda da ordem de 16% no preço corrente de laranja, os preços de fertilizantes aumentaram.

Quando se considera o período de 1994 a 2008, obtém-se a média de 109 caixas para 1 tonelada, ao passo que o mesmo indicador de 1994 a 1999 foi de 116 caixas.

Índices médios mensais sugerem que, de 1994 a 2008, não ocorreu variação estacional entre meses. A aquisição tendeu a ser um pouco mais favorável no primeiro semestre (em média 98 caixas) do que no segundo (104 caixas), já que neste período são intensificados os tratos culturais para nova safra.

II Defensivos

De 2001 a 2008, estimou-se que seria necessária, na média, 72 caixas de laranja (40,8 kg) para adquirir uma cesta fixa de defensivos composta por oito produtos representativos dos grupos acaricidas, fungicidas, herbicidas e inseticidas.

Custo médio anual da cesta de defensivos, São Paulo 2001 a 2008

Ano	Corrente R\$	Constante* R\$	US\$
2001	538,23	1.035,00	228
2002	553,48	938,10	189
2003	672,45	921,16	218
2004	716,87	907,43	233
2005	671,08	798,90	248
2006	576,54	678,28	244
2007	566,60	609,25	306
2008	556,57	556,57	304

* Base 2008 = 100 (IGP/FGV)
Fonte: Bancoiea

Aspectos socioeconômicos da citricultura paulista

	1996		2008	
1. Instrução do Proprietário	UPA ** [%]	Área Citros [%]	UPA [%]	Área Citros [%]
Incompleta	19	13	6	7
Primário completo	42	26	12	25
1º grau completo	10	10	52	11
2º grau completo	11	14	12	17
Superior completo	18	37	18	40
2. Assistência Técnica				
Não utiliza	21	10	-	-
Utiliza assist. governo	27	13	49	43*
Utiliza assist. privada	27	41	51	75*
Utiliza assist. governo/privada	25	36	-	-
3. Associativismo *				
Faz parte de cooperativa	52	75	45	61
Faz parte de associação	18	35	21	34
Faz parte de sindicato	35	53	35	53

* Não são dados excludentes. ** Unidades de Produção Agropecuária. Fonte: Lupa 1996 e Lupa 2008.

Relações de troca na citricultura paulista

Ano	Conjunto de Máquinas e Implementos ¹		Fertilizantes ²		Defensivos ³		Mudas ⁴	
	Cx	Índice ⁵	Cx	Índice ⁵	Cx	Índice ⁵	Relação de Preços	Índice ⁵
2000	15.223	132	198	190	-	-	0,52	104
2001	7.549	65	84	81	75	104	0,53	106
2002	7.334	63	67	64	66	92	0,46	92
2003	12.161	105	74	71	87	121	0,56	112
2004	15.887	137	119	114	111	154	0,70	140
2005	12.026	104	106	102	75	104	0,45	90
2006	10.067	87	84	81	50	69	0,39	78
2007	11.393	99	81	78	54	75	0,47	94
2008	12.335	107	127	122	56	78	0,45	90

1. Conjunto: trator, grade, carreta, pulverizador (AJ600) – quantidade para comprar um kit. 2. Fórmula: NPK 12-6-12 – quantidade de caixas para comprar 1 tonelada. 3. Cesta de defensivos: inseticidas, fungicidas, herbicidas – caixas para comprar uma cesta. 4. Unidade originária de viveiro telado. Valor equivalente a uma caixa (40,8 kg) de laranja. 5. Índice: em relação à média (2000 a 2008) de cada item igual a 100. Fonte: Bancoiea e Agrianual FNP.

Nesse período, observa-se que as maiores relações de troca ocorreram em 2003 e 2004. Para o citricultor, o cenário de compra mais favorável foi em 2006. Isso pode ser atribuído à significativa valorização da laranja e à redução no custo da mesma cesta em relação a anos anteriores.

Esta análise não considera o agravamento de problemas de ordem fitossanitária na citricultura e a necessidade de mais aplicações de defensivos. A conjuntura mostra um quadro de cotações decrescentes desde 2001 até 2008.

III Máquinas e implementos

De 2000 a 2008 eram necessárias em média 11,6 mil caixas de laranja (40,8 kg) para aquisição de um conjunto composto por um trator, uma grade, uma carreta e um pulverizador, suficiente para implantar um pomar com cerca de quinze mil árvores (ou 45 hectares) e sua condução até o sétimo ano, arcando com os custos de manutenção.

As melhores relações de troca para o produtor ocorreram em 2001 e 2002, enquanto as piores situações aconteceram em 2004 e em 2000.

Embora em termos de valores constantes, de 2000 a 2008, o maior custo desse conjunto tenha sido observado em 2006, a elevação do preço da laranja recebido

pelo citricultor foi suficiente para compensar na relação de troca. Ao longo do período, ocorreram poucas variações no dispêndio real para adquirir tais máquinas e implementos.

IV Muda cítrica

Quando se relaciona o preço da muda de citros com aquele recebido pelo produtor em São Paulo, no período de 2000 a 2008, constata-se que, em valor, uma muda foi equivalente a 50% do preço de venda de uma caixa de laranja (40,8 kg).

De 1975 a 2000 essa relação foi de 49%. Em 26 anos de observações, a cotação média de uma muda representou praticamente

o preço de meia caixa de laranja. Em 2004, para adquirir uma muda, o produtor pagaria 70% do preço de venda de uma caixa de laranja, por conta da queda na cotação da fruta. Em 2006 pagou apenas 39%. Em alguns anos essa relação foi ainda menor, com o mínimo de 25% em 1991.

Em termos de preços constantes, a menor cotação da muda nos últimos dez anos (1999 a 2008) ocorreu em 2000, enquanto as mais elevadas foram registradas em 2001 e 2002, resultando na média de R\$ 5,27 por unidade.

Melhor padrão de qualidade das mudas e poucas variações na relação de troca com preço de laranja mostram o setor viveirista de São Paulo mais estável em relação a períodos anteriores, devido à obrigatoriedade da produção de mudas em viveiros telados.

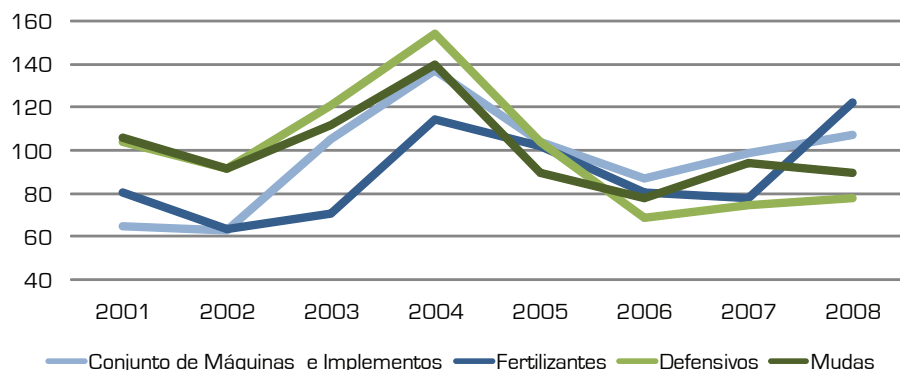
Considerações finais

Apenas com expansão de áreas de plantio será difícil manter a posição de liderança alcançada pelo Brasil. Há, todavia, risco crescente de novos desequilíbrios. Outras pragas e doenças (*greening*) podem elevar os custos de produção e reduzir as vantagens comparativas da citricultura brasileira. Como resultado, haveria perda de competitividade no cenário internacional.

Os resultados encontrados indicam que uma crise de preços na laranja poderia ter se iniciado em 2004. Isso reduziria o poder de compra dos citricultores.



Relações de troca (caixa de laranja x insumos) na citricultura paulista*



*Índice em relação à média (2000 a 2008) de cada item igual a 100. Fonte: Bancoiea e Agrianual FNP.

Porém, devido aos furacões de 2004 e 2005 que atingiram as áreas de pomares da Flórida (USA), houve enorme queda de produção e substancial aumento das cotações do suco concentrado de laranja

no mercado internacional.

A crise na economia mundial iniciada em meados de 2008 trouxe grande redução na demanda. Este fato, somado a grande colheita de laranja em São Paulo

e a parcial recuperação na Flórida, provocou queda nos preços recebidos pelos citricultores paulistas. A valorização do real neste período agravou o problema e acabou por prejudicar todos os setores exportadores brasileiros.

Apesar de se observarem ganhos de produtividade média dos laranjais paulistas nas últimas décadas, melhores resultados poderiam ser obtidos com emprego de tratos culturais mais adequados. O melhor uso de adubação e um maior adensamento dos pomares poderiam contribuir para elevar a remuneração do citricultor. ■

1. Engenheiro agrônomo, doutor, pesquisador científico, aposentado (amaro.pingo@gmail.com)
2. Economista, pesquisador científico do Instituto de Economia Agrícola (caser@iea.sp.gov.br)
3. Engenheira agrônoma, mestre, pesquisadora científica do Instituto de Economia Agrícola (priscilla@iea.sp.gov.br)

Cooperativismo. Este é o nosso campo.

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) está presente em todos os 26 estados e no Distrito Federal. Sua missão é ser referencial do cooperativismo brasileiro, estimulando sua participação socioeconômica. O Ramo Agropecuário reúne cerca de 969 mil associados e gera em torno de 134 mil empregos diretos.